**JESUS E A LEI (NÓMOS) - 2**

Pr. Albino Marks

**Morte na hora pré-estabelecida.** Vindo como o Messias, em cumprimento das leis: moral, cerimonial, sacerdotal e civil, a morte de Jesus ocorreu no exato momento definido pelo eterno conselho da Trindade, quando o plano da salvação foi estabelecido. Era a hora em que o sacrifício da tarde estava começando a ser preparado. *”Ao irromper dos lábios de Cristo o grande brado: ‘Está consumado’, oficiavam os sacerdotes no templo. Era a hora do sacrifício da tarde. O cordeiro, que representava Cristo, fora levado para ser morto. Trajando o significativo e belo vestuário, estava o sacerdote com o cutelo erguido, qual Abraão quando prestes a matar o filho. Vivamente interessado, o povo acompanhava a cena. Mas eis que a terra treme e vacila; pois o próprio Senhor se aproxima. Com ruído rompe-se de alto a baixo o véu interior do templo, rasgado por mão invisível, expondo aos olhares da multidão um lugar dantes pleno da presença divina. [...] Tudo é terror e confusão. O sacerdote está para matar a vítima; mas o cutelo cai-lhe da mão paralisada, e o cordeiro escapa. O tipo encontrara o antítipo por ocasião da morte do Filho de Deus. Foi feito o grande sacrifício. Acha-se aberto o caminho para o santíssimo. Um novo, vivo caminho está para todos preparado. Não mais necessita a pecadora, aflita humanidade esperar a chegada do sumo sacerdote. Daí em diante, devia o Salvador oficiar como Sacerdote e Advogado no Céu dos Céus”* (DTN**.** p. 756, 757).

O diabo empenhou-se com todas as forças e artimanhas para induzir Jesus a pecar ou de alguma forma levá-Lo à morte antes ou depois da “hora” determinada pelo ritual do santuário, marcada no relógio de Deus: *“Satanás dirigia a cruel massa nos maus tratos ao Salvador. Era seu desígnio provocá-Lo, se possível, à represália, ou levá-Lo a realizar um milagre para Se libertar, frustrando assim o plano da salvação. [...] Grande foi a ira de Satanás, ao ver que todos os maus tratos infligidos ao Salvador não Lhe forçaram os lábios a soltar uma só queixa. Embora houvesse tomado sobre Si a natureza humana, era sustido por uma força divina, e não Se apartou num só ponto da vontade do Pai [...])”* (DTN. p. 734, 735. (Destaque acrescentado).

Quando Jesus deu o brado: *“Está consumado”,* teve a absoluta certeza de que tudo estava concluído como fora definido na eternidade, tipificado no santuário e predito pelos profetas.

*“Posto que Ele tivesse tomado sobre Si a natureza do homem, foi sustentado por uma divinal fortidão, e não se afastou na mínima coisa da vontade de Seu Pai”* (HR, p. 219).

*“Jesus não entregou Sua vida até que tivesse cumprido a obra que viera fazer; e exclamou em Seu derradeiro alento: ‘Está consumado!’ Os anjos se alegraram quando estas palavras foram proferidas, pois o grande plano da redenção estava sendo triunfalmente executado. Houve alegria no Céu de que os filhos de Adão pudessem agora, mediante uma vida de obediência, ser elevados finalmente à presença de Deus. Satanás foi derrotado, e sabia que seu reino estava perdido”* (HR, p. 27).

Deste sacrifício, Deus declarou: *“Tenham cuidado da minha oferta, do meu alimento para as minhas ofertas queimadas, do aroma agradável, para me trazer essas ofertas no tempo determinado”* (Nm 28:2, NAA).

Este era o sacrifício contínuo, tipificando a eterna e permanente graça de Deus em favor do pecador. Jesus morreu na hora exata deste sacrifício em cumprimento do que era ensinado pelo ritual do santuário. Ele é o sacrifício da eterna aliança, oferecendo a eterna graça de Deus. Jesus havia declarado no início do Seu ministério qual era a Sua missão e para cumpri-la não podia omitir coisa alguma do que determinavam a lei e os profetas. Mesmo os detalhes dos *“mandamentos menores”,* não foram suprimidos, para *“cumprir toda a justiça”* (Mt 3:15, NAA), para realizar o plano da salvação.

**Cumprindo tudo que estava tipificado e predito.** A falsa expectativa assim permaneceu e alimentou as esperanças dos discípulos e da multidão, até o maior e mais amargo desapontamento com a cruenta batalha da sexta-feira. Com o glorioso amanhecer da ressurreição Jesus mudou o rumo das expectativas: *“Ele lhes disse: ‘Como vocês custam a entender e como demoram a crer em tudo o que os profetas falaram! Não devia o Cristo sofrer estas coisas, para entrar na sua glória?’”* (Lc 24:25, 26, NVI).

Junto à sepultura de Jesus, o anjo que ali estava para comunicar a mensagem da Sua ressurreição, fez uma advertência para as mulheres, em forma de lembrança do ensino de Jesus: *“Quando disse: Importa que o Filho do Homem seja entregue nas mãos de pecadores, e seja crucificado, e ressuscite no terceiro dia”* (Lc 24:7, ARA). Assim como estava predito, fundamentado nos serviços do santuário e nas mensagens dos profetas, assim aconteceu.

Para os discípulos no caminho de Emaús, no entardecer do dia da Sua ressurreição, Jesus declarou: *“Era necessário que se cumprisse tudo o que a meu respeito está escrito na Lei (nómu) de Moisés, nos Profetas e nos Salmos’”* (Lc 24: 44, NVI).

A declaração de Jesus feita no sermão da montanha é muito usada para confirmar a perpetuidade e imutabilidade da lei moral. O argumento é interessante, mas não é o centro da declaração de Jesus. No sermão da montanha, Jesus está expondo os fundamentos espirituais e morais do Seu Reino que veio restabelecer neste mundo. Então declarou que esta Sua missão teve a sua sequência estabelecida na eternidade, foi predita nos serviços da lei do santuário e pelos profetas, e de tudo o que está escrito nenhum ponto de i, absolutamente nada, poderia ser omitido no cumprimento desta missão.

Jesus, o Deus eterno, onipotente, onipresente, onisciente, presciente, conhecendo todo o passado e todo o futuro, desceu a este mundo para assumir a natureza humana e viver como humano, em inteira dependência da vontade do Pai, cumprindo cada detalhe escrito determinando a Sua caminhada em direção ao clímax: a cruz. Antes de retornar para o Pai, depois da missão cumprida, declarou que viveu exatamente como estava escrito nas Escrituras, para que tudo recebesse a confirmação de ser verdadeiro e inquestionável a respeito da Sua messianidade.

Nas declarações de Jesus, dizendo que *“sem que tudo haja sido cumprido”,* e, *“era necessário que se cumprisse tudo o que a meu respeito está escrito na Lei (nómu) de Moisés, nos Profetas e nos Salmos’”,* encontramos um fato inédito, inusitado. Os acontecimentos da Sua vida foram determinados na eternidade e escritos séculos, milênios antes de serem vividos. O que significa que os grandes acontecimentos históricos e mesmo detalhes aparentemente de pequena importância da vida de Jesus foram escritos pelos profetas, em suas predições, antes de acontecerem. Depois de acontecidos, tornaram-se a história da Sua vida.

Desde o Seu nascimento *“tudo aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor dissera pelo profeta”* (Mt 1:22, NVI), até a Sua morte e ressurreição, *“era necessário que se cumprisse tudo o que a meu respeito está escrito na Lei (nómu) de Moisés, nos Profetas e nos Salmos”* (Lc 24:44, NVI).

Do Seu nascimento à Sua morte e ressurreição, Jesus nada revogou, mas cumpriu tudo o que está escrito *“na lei (nómon) e nos profetas”* (Mt 5:17).

No sermão da montanha, Jesus declarou a respeito de Sua missão relacionada com tudo o que a lei, “torah”, determinava, tudo o que o ritual do santuário tipificava e tudo o que os profetas predisseram, que nada poderia ser revogado ou suprimido, mas tudo seria cumprido para a realização da missão do plano redentor.

Assim aconteceu em todos os detalhes de Sua vida até a vitoriosa e gloriosa recepção junto ao trono do Deus eterno.

No Salmo 16 é declarado: *“Por isso o meu coração se alegra e no íntimo exulto; mesmo o meu corpo repousará tranquilo, porque tu não me abandonarás no sepulcro, nem permitirás que o teu santo sofra decomposição”* (Sl 16:9 e 10, NVI).

As mulheres, que na madrugada do primeiro dia da semana se dirigiram para o sepulcro com o propósito de depositar especiarias aromáticas sobre o corpo de Jesus, por desconhecer tudo o que está escrito a respeito da Sua missão, tiveram uma decepção e uma incontida alegria, mesmo sem compreender a grandeza do significado do acontecimento: Jesus ressuscitou.

Se este ato predito pelas Escrituras houvesse falhado e as mulheres O tivessem encontrado repousando na tumba, toda a Sua missão teria sido um fracasso completo e não teríamos o cumprimento da predita gloriosa aclamação: *“Abram-se, ó portais; abram-se, ó portas antigas, para que o Rei da gloria entre. Quem é esse Rei da glória? O Senhor dos exércitos; ele é o rei da glória! [Pausa]”* (Sl 24:9 e10, NVI).

Se naquela madrugada Jesus fosse encontrado morto na sepultura onde O depositaram na sexta-feira à tarde e não tivesse ressuscitado, inútil seria a nossa fé, e ainda estaríamos em nossos pecados (1Co 15:17), sem nenhuma esperança, e seriamos *“de todos os homens, os mais dignos de compaixão”* (1Co 15:19, NVI).No entanto, assim como as cerimônias do santuário tipificavam, na hora do sacrifício da tarde, do cordeiro pascal, depôs a Sua vida sobre o altar como o único e perfeito sacrifício para remover os pecados de todos os que nEle creem. Tal como indicava a alegria da festa das primícias, ressurgiu triunfante e em glória, como *“as primícias dentre aqueles que dormiram”* (1Co 15:20, NVl).

Verdadeiramente é significativa a declaração de Jesus que ilumina e certeza de Sua messianidade: *“Não penseis que vim suprimir a Lei (nómon) ou os profetas: não vim suprimir, mas cumprir. Pois em verdade eu vos declaro, antes que passem o céu e a terra, não passarão da lei (nómon) um i nem um ponto do i, sem que tudo haja sido cumprido”* (Mt. 5:17 e 18, TEB).

**Sem culpa, mas condenado.** Ainda analisando a esclarecedora declaração de Jesus em Seu sermão proferido na montanha, observemos outros detalhes que tiveram cumprimento confirmando a certeza de Sua missão.

Jesus foi julgado e condenado, pela lei civil romana. No entanto, um detalhe impressiona de que nenhum um ponto do i poderia ser omitido no cumprimento da lei. Por cinco vezes, *“disse Pilatos aos principais sacerdotes e às multidões: Não vejo neste homem crime algum”* (Lc 23:4, ARA), ou expressão similar; 2ª: v. 14; 3ª: v. 22, Mt 27:23 e Mc 15:14; 4ª: Mt 27:24; 5ª: Jo 19:4). Perante a lei civil romana Jesus é declarado justo e inocente.

A mulher de Pilatos enviou-lhe uma mensagem: *“Não se envolva com este inocente [...]”* (Mt 27:19, NVI). *“Desde o princípio Pilatos estava convencido de que Jesus não era um homem comum. Cria que tinha um excelente caráter, e inteiramente inocente das acusações feitas contra Ele. Os anjos que testemunhavam a cena notaram as convicções do governador romano, e, para salvá-lo de se empenhar no terrível ato de entregar a Cristo para ser crucificado, um anjo foi enviado à mulher de Pilatos, e informou-a por meio de um sonho de que o Filho de Deus era aquele em cujo processo seu marido estava empenhado, e era um inocente sofredor. Ela imediatamente mandou um recado para Pilatos. [...] Ao lê-la, tremeu e ficou pálido, e logo resolveu nada ter que ver com tirar a vida de Cristo. Se os judeus quisessem o sangue de Jesus, ele não prestaria sua influência para tal, antes trabalharia para O livrar”* (PE, p. 173).

Nem a liderança espiritual judaica, nem Pilatos, nem a turba insana sabiam o que estava acontecendo, porque estava acontecendo e o que eles estavam fazendo. Satanás e seus demônios sabiam o que estava acontecendo e porque incitavam Caifás, o sacerdócio, Pilatos e a turba desvairada para condenar Jesus à morte. Julgavam manter *“para sempre fechado o túmulo que guardava o Filho de Deus”* (DTN, p. 779), evitando assim o cumprimento da Escritura: o Descendente da mulher *“lhe ferirá a cabeça”* (Gn 3:15, NAA. *“Te esmagará a cabeça”* (BJ).

O centurião romano, que comandou a execução, reconheceu com profunda emoção: *“Certamente este homem era justo”.* E: *“Verdadeiramente este era o Filho de Deus”* (Lc 23:47 e Mt 27:54, NVI). Sete vezes Jesus é declarado inocente, sem culpa, e no momento de Sua morte é reconhecido como o Filho de Deus, o sacrifício da graça do Deus justo e amoroso, para cumprir a justiça exigida contra o homem culpado. João Batista anunciou Jesus como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, e pelo centurião romano a morte de Jesus foi reconhecida como o sacrifício de Deus em favor do pecador, como uma dádiva e não como uma condenação.

O Seu sacrifício teria de ser perfeito, sem uma única mancha de culpa. Ele não poderia ser condenado e morrer como culpado, porque então, não seria o sacrifício perfeito e não poderia pagar o preço do resgate pelo pecador. Ele entregou a Sua vida como o Filho do Homem, porque nenhum outro nome é dado entre os anjos e os homens que pudesse tornar real a redenção.

Para tornar real a redenção era inquestionável cumprir a lei das cerimônias, o plano da redenção tipificado; cumprindo a justiça da lei moral *“a fim de que as justas exigências da Lei (nómou) fossem plenamente satisfeitas em nós”* (Rm 8:4, NVI), na Pessoa do Filho do Homem.

Na morte de Jesus, a sentença da lei moral foi cumprida, porém, a lei, não foi abolida. Na morte de Jesus a lei cerimonial do substituto típico foi cumprida na morte do Substituto real, antitípico, declarando sem valor a morte e ação do animal substituto típico

Ele morreu como o Filho do Homem cumprindo as *“as justas exigências da Lei (nómou)”,* moral, para nos oferecer graça, perdão, justificação, reconciliação e salvação. *“Cristo satisfez as exigências da lei em Sua natureza humana. [...] Cristo se tornou nosso sacrifício e fiador. Ele se tornou pecado por nós, para que nós pudéssemos, através dEle, receber a justiça de Deus. Pela fé em Seu nome, Ele imputa em nós Sua justiça, e ela se torna um princípio vivo em nossa vida”* (O Senhor Justiça Nossa, p. 86, 88).

O que era impossível efetivar pelo ato legal da lei cerimonial, *“porque aquilo que a Lei (nómou) (cerimonial) fora incapaz de fazer”* (Rm 8:3), tirar os pecados, *“pois é impossível que o sangue de touros e bodes tire pecados”* (Hb 10:4, NVI), porque os sacrifícios oferecidos repetidamente *“nunca podem remover os pecados”* (Hb 10:11, NVI), *“Deus o fez, enviando seu próprio Filho, à semelhança do homem pecador, como oferta pelo pecado. E assim condenou o pecado na carne, a fim de que as justas exigências da Lei (nómou) (moral) fossem plenamente satisfeitas em nós”* (Rm 8:3 e 4, NVI).

O ato da justa sentença da lei moral executado em Jesus, que veio ao mundo *“à semelhança do homem pecador”* é reconhecido por Deus como *“plenamente satisfeito em nós”,* que somos o transgressor culpado*.*

Se Jesus não cumprisse todos os detalhes da lei, o Pentateuco, os Salmos e os Profetas, não poderia ser o Salvador, porque não seria o Messias tipificado no simbolismo do santuário e predito nas mensagens proféticas.